

Sumário

Comunicação & política, volume 24, nº2,
Maio-Agosto 2006, ISSN 0102-6925

Apresentação 2

Artigos

A mídia e a transformação
da realidade

Ricardo F. Mendonça 9

Rádio e propaganda nas relações
dos Estados Unidos com o Brasil
durante a Segunda Guerra

Tânia Quintaneiro 39

Comunicação, resistência e
cidadania: as festas populares

Maria Nazareth Ferreira 61

Um marco do fundamentalismo
neoliberal: Hayek e o caminho
da servidão

Francisco Baqueiro Vidal 73

Plínio Salgado e a base cristã
da proposta integralista

Giselda Brito Silva 107

Seção Especial – Carlos Lessa

Aula inaugural do Mestrado
de Relações Internacionais para
a América do Sul do CEBELA

..... 139

Notas & Comentários

La industria de la cultura en
la era de la banalización

Manuel Talens 159

É possível combinar
democracia e socialismo?

Tarso Genro 167

Interação ou confronto

Seyed Jafar Hashemi 199

Seção de Cinema

O medo da TV diante
da imagem

Luiz Carlos Oliveira Jr. 201

Dossiê Bolívia

Tarea de todos, recuperar los
recursos naturales

Evo Morales Ayma 207

O país que quer existir

Eduardo Galeano 211

Integração é essencial 216

Literatura

Roberto Bolaño: o detetive
selvagem da narrativa
contemporânea em língua
espanhola

Rafael Gutiérrez Giraldo 217

Resenha

Um estilo de vida
(sobre “*Introdução à vida não-
fascista*”, de Michel Foucault)

Miguel Jost Ramos 225

Documento

Introdução à vida não-fascista

Michel Foucault 229

Apresentação

Pedro Amaral

Apresentação

“Para o bem ou para o mal, a Palestina não é uma causa apenas árabe ou islâmica – ela é importante para muitos mundos diferentes, contraditórios, mas que se entrecruzam.”

Edward Said, Cultura & política

“Em 1982, o Exército israelense, sob seu comando, ocupou boa parte do Sul do Líbano, onde permaneceu até 2000, recorrendo a todas as combinações possíveis de força bruta, intimidação política, forças libanesas que agiam em seu nome e amplas e irrestritas medidas punitivas, morte e destruição para reprimir uma população libanesa que rejeitava a ocupação pelo Estado israelense. (...) Sharon nunca aprendeu a lição do Sul do Líbano: que apenas um vizinho árabe verdadeiramente livre e soberano pode ser um vizinho pacífico de Israel” – escrevia em janeiro deste ano – quando o célebre matador de árabes despedia-se da vida pública, por problemas de saúde – o jornalista Rami G. Khouri, editor-chefe do jornal *Daily Star*, de Beirute. Poucos meses depois, alegando o direito à auto-defesa (contra o terror da milícia Hezbollah, robustecida justamente pela ocupação israelense do Sul do Líbano), o Estado de Israel, agora liderado por Ehud Olmert, voltava a trazer morte e destruição ao país vizinho. Sob protestos impotentes da chamada comunidade internacional – excetuando-se o apoio cúmplice dos EUA de G.W. Bush –, a artilharia israelense massacrava milhares de civis libaneses (assassinando, entre eles, dez cidadãos brasileiros, segundo estatísticas oficiais), aniquilava a infra-estrutura do país e produzia, de par com a catástrofe humanitária, um iminente desastre ambiental, numa impressionante demonstração do poder

Apresentação

Pedro Amaral

destruidor do terrorismo de Estado, livre para agir sobre os escombros do Direito Internacional.

Enquanto isso, sempre ao arrepio da lei e sob um silêncio benevolente, persiste a ocupação da Palestina, persiste a marginalização de sua população, a sua *guetização*, o seu extermínio e a sua condução inapelável ao ódio desesperado.

Na América Latina, é tempo de eleições: no México, o conservador Felipe Calderón chega ao poder em eleição disputadíssima, eivada de suspeitas de fraude; Alan García, pai da explosão inflacionária, volta à presidência do Peru com a missão de resgatar a imensa dívida social agravada pela administração Toledo e definir o eixo de integração prioritário para Lima; na Colômbia, o conservador Álvaro Uribe é re-eleito e logo anuncia a privatização da maior hidrelétrica do país; e o Brasil se prepara para decidir entre diplomar novamente o presidente Lula ou apostar no tucano Geraldo Alckmin – enquanto pesquisas apontam a ascensão da ex-senadora Heloísa Helena, que ocupa o terceiro lugar.

(Há 74 anos, eram os Estados Unidos da América que se preparavam para o desafio das urnas, e Edmund Wilson escrevia:

“Hoover defende claramente os interesses da classe que vive de rendas, contra as classes assalariadas. Franklin Roosevelt, embora fale como democrata em nome dos pequenos comerciantes e agricultores, os quais provavelmente o elegerão na expectativa de que possa fazer algo por eles, dificilmente poderá efetuar mudanças muito drásticas no sistema que o permitiu alçar-se ao governo. Por mais gestos amáveis que faça, estará sempre sob o controle da classe aproveitadora, da mesma forma que Hoover.”¹

É neste contexto que vem à luz o presente número de *Comunicação & Política*. Em “A mídia e a transformação da realidade”, Ricardo Fabrino de Mendonça se vale de princípios teóricos de Habermas para questionar o ponto de vista segundo o qual a mídia teria um

¹ Apud VIDAL, Gore, “O último crítico literário legível”, *Oitenta*, vol. 7, Porto Alegre: L&PM Editores, primavera-verão de 1982, p.38.

papel exclusivamente reprodutor, reificador de valores e da ideologia dominante, e – tecendo amplo painel da bibliografia sobre o tema – procura demonstrar sua participação em processos inovadores. Tânia Quintaneiro, autora de “*Cinema e guerra: objetivos e estratégias da política estadunidense no Brasil*”, publicado em *C&P* v. 23, nº 2 (maio-agosto de 2005), apresenta, neste “*Rádio e propaganda nas relações dos Estados Unidos com o Brasil durante a Segunda Guerra*”, uma continuação de sua pesquisa, em que analisa a política de difusão radiofônica levada a cabo pelos EUA no período em tela, a programação fornecida por suas agências e os expedientes utilizados para angariar apoio de empresários e membros do governo brasileiro, no contexto da projeção dos EUA à condição de liderança global. As festas populares, tema cuja riqueza e abrangência foi tão bem demonstrada pela obra clássica de Mikhail Bakhtin sobre François Rabelais, são objeto do artigo “*Comunicação, resistência e cidadania*”, em que Maria Nazareth Ferreira sublinha a importância dessas manifestações para o estudo da identidade social, e sua relevância como alternativa econômica e forma de resistência cultural das classes subalternas. Flexibilização das leis trabalhistas, abertura comercial, redução da intervenção do Estado na economia... conceitos que se tornaram lugar-comum do discurso midiático – sendo assim amplamente naturalizados como se não representassem os interesses de uma classe – têm sua fonte teórica esmiuçada por Francisco Baqueiro Vidal, em “*Um marco do fundamentalismo neoliberal: Hayek e o caminho da servidão*”. O autor explora as contradições internas desse marco teórico e examina sua recuperação no momento atual, como justificava ideológica para a adoção de duras medidas de ajuste exigidas pelo novo padrão de acumulação do capital. Em “*Plínio Salgado e a base cristã da proposta integralista*”, Giselda Brito Silva destaca a importância da produção discursiva – anti-liberal e anti-comunista – do líder da Ação Integralista Brasileira na conquista da adesão de intelectuais católicos e dos setores mais conservadores da sociedade.

Na aula inaugural do Mestrado de Relações Internacionais para a América do Sul do CEBELA, proferida em 10 de março último na

Apresentação

Pedro Amaral

sede da instituição, e aqui reproduzida na íntegra, o economista Carlos Lessa analisa a situação geopolítica global e os desafios com que, no atual contexto, se defronta o Brasil, com um espaço de ação reduzido pela acentuada internacionalização de sua economia, sem um projeto nacional que atraia investimentos produtivos e prisioneiro da lógica solerte do discurso neoliberal: um quadro em que a busca pelo caminho do desenvolvimento e da justiça social parece apontar, necessariamente, para o fortalecimento dos laços – econômicos, políticos, culturais – com o entorno regional. Em que pese a relutância, por parte dos donos do poder e da opinião hegemonicamente veiculada, em admitir tal evidência.

Nas **Notas&Comentários**, Manuel Talens critica, em “*La industria de la cultura en la era de la banalización*”, a transformação da obra de arte, destituída de *intencionalidade*, em mero objeto de consumo e de fetiche, num contínuo exercício de niilismo – e aponta para exemplos de artistas que ousam desafiar essa lógica, direcionando seus “disparos simbólicos” a alvos bem precisos. “*É possível combinar democracia e socialismo?*” – pergunta-se em seguida Tarso Genro, e percorre exemplos da literatura marxista para, numa análise enriquecida pela experiência de militante e dirigente do Partido dos Trabalhadores brasileiro, defender uma via socialista que se afaste tanto do autoritarismo da experiência soviética como da barbárie resultante do individualismo liberal. Em “*Interação ou confronto*”, Seyed Jafar Hashemi, Embaixador do Irã em Brasília, questiona as pressões contra o programa nuclear de seu país exercidas pelo Conselho de Segurança da ONU – a reboque das decisões do Departamento de Estado dos EUA –, e pergunta: “Pode-se impedir o acesso dos povos às ciências, com a justificativa da desconfiança?” Questão que deveria suscitar debates também na América Latina e em especial no Brasil, país que tem desenvolvido pesquisas na área da fissão nuclear e que em 1998, na vigência do primeiro mandato de F. H. Cardoso, aderiu ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear, subscrevendo, assim, o ‘congelamento do poder mundial’ ao qual se opusera por décadas, em troca de benefícios até o momento desconhecidos.

No último dia 19 de março, boa parte dos brasileiros postou-se diante da TV para assistir não a uma partida de futebol ou uma novela, mas ao documentário *Falcão – Meninos do Tráfico*, que expõe, com chocante crueza, a realidade de jovens de diversas cidades brasileiras recrutados pelo narcotráfico. Em “*O medo da TV diante da imagem*”, reproduzido na **Seção de Cinema**, Luiz Carlos Oliveira Jr., analisa esse convite ao debate oferecido à sociedade pelas Organizações Globo num dos horários mais caros – e portanto valiosos – de sua grade televisiva, aquele em que é exibida a revista semanal de variedades *Fantástico*. E pergunta: que olhar é esse através do qual olhamos os meninos eliminados na guerra do tráfico? Não será um olhar que – também ele – os elimina?

Em maio deste ano, pouco após assumir a presidência da Bolívia, Evo Morales Ayma anunciou a nacionalização dos hidrocarbonetos bolivianos, bem como a rediscussão dos termos dos contratos de exploração do gás. Até aí, nenhuma novidade ou surpresa: a esmagadora maioria dos bolivianos havia decidido, no plebiscito de julho de 2004 (ainda, portanto, na gestão de Carlos Mesa), que o país devia exercer esse direito, e a ratificação dessa escolha fôra o principal compromisso de campanha de Morales. Nada obstante, o anúncio mexeu com os brios dos grandes órgãos de mídia brasileiros, que, em rara demonstração de patriotismo fora do período da Copa do Mundo de futebol, abraçaram a ‘causa’ da *Petrobras* e enrolaram-se no lábaro pátrio a exigir do governo brasileiro uma ‘resposta firme’ contra aquela ‘quebra de contrato’. Comentaristas e humoristas de plantão trataram de ridicularizar e hostilizar o presidente recém-eleito e até mesmo os habitantes do país vizinho. Patriotismo sincero ou, antes, devoção ao ‘direito’ à super-exploração por parte do capital estrangeiro (devoção esta que apenas por casualidade os teria vestido de verde e amarelo)?

Solidários com os esforços do povo da Bolívia – a nação mais pobre da América do Sul – na construção de seu futuro, e com o direito dos brasileiros à informação livre, reproduzimos no **Dossiê Bolívia** o pronunciamento de Evo Morales na solenidade de anúncio da nacionalização dos hidrocarbonetos; o artigo “*O país que quer*

Apresentação

Pedro Amaral

existir”, em que Eduardo Galeano conta a história da luta dos bolivianos pela soberania na exploração de seus recursos naturais; e o documento em que os presidentes da Argentina, da Bolívia, do Brasil e da Venezuela põem fim à controvérsia em torno dos preços do gás e reafirmam seu compromisso com a integração. (Remetemos o leitor, ainda, à leitura da entrevista do cineasta boliviano Jorge Sanjinés publicada em *C&P* v. 22, nº3, setembro-dezembro de 2004.)

Na Seção **Literatura**, Rafael Giraldo apresenta o escritor chileno Roberto Bolaño, ainda pouco conhecido no Brasil, cuja -vasta- obra é marcada pela coragem de inovar, de surpreender, de incomodar, na contramão do padrão dominante de escritores bem-comportados, bons-moços palatáveis sempre dispostos a sorrir e *dar gracias*.

No **Documento** “*Introdução à vida não-fascista*”, precedido de resenha de Miguel Jost, o francês Michel Foucault (que este ano completaria 80 anos) comenta o *Anti-édipo* de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Pensador inclassificável, que em obras como *História da sexualidade*, *As palavras e as coisas* e *Vigiar e punir* refletiu sobre as diversas formas de exercício do poder presentes nas práticas sociais institucionalizadas, Foucault nos convida ao engajamento numa prática política que repila as paixões autoritárias, a ‘vã glória de mandar’, e interroga, num desafio: “Como liberar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo? Como expulsar o fascismo que está incrustado em nosso comportamento?”

Neste número, inauguramos nova normatização editorial, com base nos critérios do Projeto SciELO Brasil (www.scielo.org) e da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. O objetivo é tornar mais eficaz a catalogação e o acesso ao conteúdo da revista, favorecendo, assim, o diálogo com o maior número de publicações afins, de leitores e de colaboradores.

Pedro Amaral